

**Entrevista concedida por Ricardo Montenegro à Aline Abeid Villela, em uma sala do Museu de Imagens do Inconsciente, no dia 18 de novembro de 2004.**

**Endereço: Rua Ramiro Magalhães, Engenho de Dentro, Rio de Janeiro.**

**Lado A**

**Aline Abeid - Queria saber como você entrou pro serviço público.**

**Ricardo Montenegro** - Entrei em 1981, através da contratação da Campanha Nacional de Saúde Mental, que só existiu em [?] de estatutário. Aí formaram uma campanha nacional de saúde mental e nós fomos contratados em 1981. Mas essa campanha podia acabar de uma hora para a outra. Como não acabou nós ficamos anos aqui no Hospital e acabamos sendo contratados pelo Hospital e viramos estatutários.

**A.A. - E o que você acha que mudou daquela época para hoje?**

**R.M.** - Ah, mudou muita coisa. É, em 1981 as pessoas trabalhavam com mais gosto, né. Os salários não eram tão bons, mas tinha mais união, mais equipe, né. Havia uma rivalidade entre funcionários porque o salário da Campanha era diferenciado da CLT e do estatutário. Então, quando entrou a Campanha aqui tiveram muitas inimizades, é revanchismo, que não gostaria de trabalhar porque você ganha mais do que eu. Então, já que você é novo você trabalha que eu não vou trabalhar. Isso tinha uma concepção desse tipo, né, e que não era legal. Eu como sempre tive uma relação muito boa, isso não me atingiu. Mas eu vi colegas passarem por esse tipo de sufoco aqui dentro, que era a questão salarial. Inclusive naquela época tinha muita greve, passeatas no Hospital, as pessoas colocavam o contra-cheque em cartazes, dava volta pelo Hospital reivindicando melhores salários; a diretoria nossa ia junto nas passeatas. Tinha movimento mesmo. E uma coisa muito ruim daquela época era partidos. Muita gente era PT, outras eram PDT. Então, às vezes a gente não podia falar muito bem o que era porque era perseguido, né. Então, as pessoas tratavam a gente mal. Como eu sou apolítico, não gosto de política, então, eu não ficava em cima do muro, expressava minha opinião, mas não gostava muito de discutir esse tipo de coisa. Então, a gente [?] adquirindo respeito.

**A.A. - Mas e as condições de trabalho, assim, você acha que mudou em que?**

**R.M.** - Ih, mudou de mais. É, nós éramos federais, né, então federal era fartura. Fartura de roupa pro paciente, de remédio, de comida. Então, a única coisa ruim é que não tinha limpeza. A limpeza era feita pelo AOSB limpeza, naquela época, como tinha a AOSB portaria. Hoje municipalizando as coisas pioraram. Não tem material de consumo, material permanente não se compra mais, muito precariamente, não se tem quase comida. Nós estamos até passando uma situação agora que não tem comida porque o Município não paga. Nós ficamos aqui com, com... mandando embora funcionários da limpeza por contenção. Nós temos uma vigilância muito precária porque também não pagam. Eles já estão, costumam ficar meses sem, sem receber. Então, mudou muito. Municipalizou, piorou. Inclusive, tinha um movimento, há muito tempo atrás, que os federais, um grupo do Hospital, queria que mudasse. Então, botaram uma faixa é “municipalizar é mudar de atitude”. Realmente mudou a atitude porque não tem nada, não se consegue. A única coisa que melhorou no Hospital, no meu ponto de vista, com a municipalização foi a gratificação de chefia. Fora isso eu não vi melhoras em nada. Pelo contrário. Município não paga, as firmas não recebem, mandam embora as pessoas, não se tem material pra trabalhar, material de consumo. Os pacientes ficam em precárias condições porque, às vezes, não tem roupa, remédio também é muito precário. Agora que está melhorando um pouco. Mas quando era federal era uma maravilha! Nós tínhamos almoço pros funcionários, nós tínhamos até cesta de Natal no final do ano, nós tínhamos almoço de final de ano pros funcionários. As coisas eram muito melhor. Era fartura. Hoje “farta” tudo.

**A.A. - É, e essa precariedade ela não é só material, ela é em termos de pessoal também, de funcionários?**

**R.M.** - Não, eu não vejo por esse lado pelo seguinte: os federais que se aposentaram, muitos federais se aposentaram, não se tem mais contratação federal nem concurso federal. Mas o que mais se tem hoje é concurso municipal e estadual. Então, muito funcionário municipal passaram em concurso e estão agora absorvendo os hospitais. A tendência, no meu ponto de vista, é ir acabando os federais e os municipais vão tomando conta. Inclusive hoje esse hospital aqui, que é o antigo Centro Psiquiátrico Pedro II, hoje é Hospital Municipal Nise da Silveira, em homenagem à doutora Nise. Então, hoje você pode dizer que tem mais funcionário, talvez, talvez, municipal do que federal. O Hospital hoje é dividido, tanto é que o Município ocupa um prédio inteiro do bloco médico-cirúrgico, que tem outra diretoria.

Dentro desse Hospital municipal que era federal, tem dois diretores: tem um municipal e tem um federal, que é gerido pelo Município.

**A.A. - Quando foi que municipalizou, em que ano?**

**R.M.** - Assim de cabeça não sei. Não sei mesmo.

**A.A. - E como é que você vê hoje em dia o funcionalismo público? É, a situação, as circunstâncias.**

**R.M.** - Muito ruim. Oh, um exemplo: nós temos, vamos fazer quase dez anos sem aumento. Você vê que coisa, eles prometem... O Fernando Henrique ficou oito anos, não deu o aumento. O Lula entrou, deu 1% porque, segundo informações, se você não pode ultrapassar um tempo sem dar um aumento. Tanto é que agora, esse mês de novembro, nós estamos, dizem que vai dar 00,1 só pra caracterizar um aumento, pra não ter processos na justiça. Então, eu vejo mais a falência do serviço público, nesse sentido. Nove anos sem aumento. Não é o caso do Município, que eles não estão há nove anos sem aumento. Inclusive eles ganham por produtividade, né. Então, já é uma coisa melhor. Agora, o federal nove anos sem aumento. E a gente não sabe onde vai parar. A gente vai se desdobrando aí, né.

**A.A. - Você gosta de trabalhar aqui?**

**R.M.** - Olha, entrei aqui por acaso. Se eu fosse dizer pra você que eu, que eu fiquei maravilhado de vim pra cá, não. Eu hoje agradeço de estar aqui. Acordo todo dia e dou graças a Deus de estar empregado. Chefiei dezesseis anos, fiquei onze sem ganhar uma gratificação de chefia. Fiquei pelo amor aos clientes e aos funcionários. Tanto é que esse período agora já me convidaram para uns quatro ou cinco cargos, eu não aceitei. Não é por causa do dinheiro. Você precisa, precisa. Mas uma coisa é você ter tranquilidade, do que assumir uma coisa que é ruim pra você. Não é o dinheiro que vai fazer isso. Então, pra mim não é a questão: ah, mas você não quer dinheiro. Quero, quero ganhar gratificação [que te faz?] faz jus. Mas não quero ser chefe de uma coisa que não vai me fazer bem, que não vai me trazer tranquilidade. Então, eu prefiro abrir mão do dinheiro, da gratificação e ter a tranquilidade de ir pra casa todo dia, coisa que eu não tinha quando eu chefiei dezesseis anos. Que era coisa que é de minha responsabilidade. Como eu sou uma pessoa muito honesta e muito correta nas minhas coisas, por isso é que eu chefiei dezesseis anos seguidos. Sou considerado um funcionário de, de alto escalão pela minha dignidade, e eu que desde oitenta e um sou a mesma pessoa. Não mudei nada. Agora, não há incentivo também de melhoria de nada. Eu era pra

ser jogador de futebol, não fui por umas circunstâncias da vida. Podia nem tá aqui hoje, mas to e dou graças a Deus de estar aqui. Pelo menos eu não acordo de manhã e vou procurar emprego. E nem por tá no serviço público não falto, cumpro meu horário, cumpro com as minhas obrigações. Eu me considero um servidor público diferenciado.

**A.A. - Por quê?**

**R.M.** - Porque eu tenho todas as minhas obrigações que é você trabalhar, ser honesto, ser digno, ter caráter, ter personalidade, você cumprir com as suas obrigações no teu trabalho, ter espírito de colega. Você, eu acho que o mais importante é você ter, ser colega, trabalhar em equipe. E isso, eu sou uma pessoa que nunca prejudiquei ninguém, com vinte e cinco anos de casa. Pelo contrário, só ajudei muita gente aqui eu carreguei nas minhas costas. Ajudei muita gente no serviço público, melhorei a situação de muita gente que tinha condições de ter uma, de uma melhoria, de mudar de um cargo pro outro. Se pessoas que, talvez, não estivessem nem aqui, porque não tem condição nenhuma de estar aqui, porque não tem estudo. E hoje ganham até um salário que se fosse trabalhar lá fora não ganharia porque não tem estudo nenhum. Porque naquela época, muitos anos atrás entravam através de político, né. Então as pessoas botavam aqui dentro e tem gente que ganha aqui um bom salário, se tivesse lá fora não ganharia nem um salário mínimo. E aí tinha que preencher papéis pra tentar mudar e eu ajudava essas pessoas, e nunca ganhei nada em troca e nunca pedi nada em troca. Fazia mesmo porque eu gosto de ajudar. E eu sou um cara feliz porque eu me considero um cara, um dos mais queridos aqui do Hospital. Isso pra mim é coisa que mais me dá riqueza, é isso, é saber onde eu chego as pessoas gostam de mim, entendeu? Então pra mim é a mesma coisa. Agora, dizer que você gostou de ser servidor público... não porque às vezes a gente tem até um... lá fora falam pra gente "Pô, você é servidor público, você não trabalha. Pô, ser servidor público é uma moleza. Porra, que vagabundagem!" Servidor público tem essa coisa lá fora, né. Eu já escutei isso até de colega de pelada: Pô, tu é servidor federal? Ih, é uma moleza, não faz nada pra ninguém." Como também já escutei de pessoas dizerem: Pô, o serviço público federal você deve arrumar uma nota" Pelo contrário, quer dizer, a gente escuta certas coisas, né. E mal sabe eles que [trabalham?] pra caramba. Agora, tem muito servidor público que realmente, que deixa a desejar. Mas é o que eu digo: meia dúzia carrega nas costas duzentos. Isso acontece muito, né. Então, o serviço público é isso aí.

**A.A. - E porque você acha que foi criado um estereótipo do funcionário público pela sociedade?**

**R.M.** - É por causa dessas pessoas que não trabalham. Nunca se teve aqui no Hospital, pelo menos na época que eu entrei, de oitenta e um pra cá, eu soube de histórias anteriores a oitenta e um que tinha relógio de ponto, que as pessoas até quebravam o relógio para burlar horário. Aqui no Hospital, desde que eu entrei, nunca teve relógio de ponto. Tinha [?] assinar ponto. Tinha gente que assinava o ponto, ia pra casa e voltava no final. Tinha gente que você não via no serviço. Então, é... serviço público todo mundo tem essa coisa, de um servidor como um vagabundo. Toda regra tem sua exceção. Não vou dizer pra vocês que não tem porque eu conheço um monte. Pô, eu conheço um monte que não faz o dia inteiro, que não, que não cumpre horário, falta pra caramba. Conheço um monte de pessoas que só vivem de licença de saúde ou outro tipo de licença. E isso aí, pô, acompanhei muito. Eu como era chefe administrativo tive muitos problemas sobre isso, né. A situação de pessoas também que, que se aproveitam, pegam material do hospital, tem... isso acontece em todo lugar.

**A.A. - Você acha que eles são maioria?**

**R.M.** - São maioria. É o que eu acabei de dizer, a minoria carrega nas costas a maioria. Se todo mundo fosse igual a maioria não tinha, ninguém trabalhava. E porque ainda tem boas cabeças que têm responsabilidade e obrigação de saber que tem que acordar, vim trabalhar, desenvolver o seu trabalho, cumprir seu horário, atender bem ao público. Que você tá aqui pra isso, pra tratar bem as pessoas, receber bem, não trazer pra cá o teu mau humor. Eu acho que o fundamental é isso. Nem todo dia a gente tá de bom humor, mas a gente tem que saber diferenciar isso. A maioria é isso aí. A maioria. Hoje talvez não seja tanta maioria porque tá todo mundo saindo fora, quem tem oportunidade. Quando saiu o PDV, que foi o pedido de demissão voluntária, porque o servidor público ele não tem direito à indenização, então, se ele fosse mandado embora ele tinha que ser mandado embora por roubo ou por briga ou por abandono de serviço trinta dias. Então, as pessoas não têm indenização. Tinha pessoas que podia ter vinte e cinco anos de casa, ser mandado embora e não receber um tostão, que não é o caso de outras empresas. Abriu-se uma exceção do governo que quem quisesse pedir o PDV, que é pedido de demissão voluntária, seria indenizado. Então tinha pessoas que ganharam vinte mil, trinta mil, quarenta mil, cinquenta mil e [?], e hoje se arrependem, querem voltar pro serviço público que o dinheiro acabou. Então têm pessoas que fizeram esse tipo de coisa. Esse tipo de proposta, ela é boa pra quando você tem outra renda.

Que eu, se eu tivesse outro emprego ganhando bem eu podia optar por um PDV, botar vinte, trinta, quarenta, cinqüenta mil [?] e ter uma renda, outro emprego. O importante seria isso. Agora, você pedir e se entusiasmar como muitos fizeram, porque nunca tiveram nada. Aí falam pra pessoas despreparadas, como eu disse no início, pessoas que não tem muito estudo, né. Aí você vai numa pessoa dessa e diz “Olha, pô, você pode ganhar cinqüenta mil de indenização”. Aí a pessoa pede demissão, o PDV e recebe cinqüenta mil, o dinheiro acaba, e depois fica vivendo de que? Nós tivemos, exemplos aqui disso. De um colega de trabalho que já tinha quase trinta e poucos anos de serviço, pegou o dinheiro, comprou um carrinho velho, botou um motorista porque não sabia dirigir, o dinheiro acabou, o carro bateu, o motorista foi embora e ele ficou aqui pedindo um real da passagem. Então isso acontece. Como se você chega pros funcionários e diz vai ter um aumento de vinte por cento, nego já vai fazer compra antes, já achando que o aumento vai vim. Já pede o empréstimo e depois o aumento não vem, a pessoa vai ter que pagar. Funcionário público vivia muito pedindo dinheiro emprestado, porque ganhava mal. Isso na época foi o que eu mais presenciei das pessoas, era pedir dinheiro emprestado. Tinha muito agiota, né? E depois não tinha como pagar.

**A.A. - É, você falou que ia ser jogador de futebol, você pode falar sobre isso, porque não foi?**

**R.M.** – Ah, eu quando era novo, mais novo, né, eu treinei no Fluminense, fui aprovado, uma terça feira à noite com o seu Faria, mais de duzentos. Só que o meu pai achava que naquela época não era tão importante, né, que as pessoas, a gente podia ficar aleijado, né, sofrer uma contusão, e eu não vou dizer que ele foi culpado, porque meu pai é a minha vida, né. Então, pô, eu acho que se eu pudesse ter um arrependimento seria esse. Depois eu fui, joguei pelo campeonato pelo Impacto, aí fui chamado pelo Gilson Nunes, pelo Vasco, pra ir pro Vasco, e aí por uma circunstância de um treinador ser mandado embora, o [Fantone?] da época e ele foi destituído e eu não me apresentei no Vasco. Aí depois ele encontrou comigo e me disse: “poxa que vacilo, tavam, todos te aguardando, você não apareceu”. E aí depois a minha última tentativa, fui treinar no América, profissionais do América, meu pai era América, ainda é, ainda está vivo, graças a Deus, e eu, pó joguei pra caramba, arrebentei. Mas eu não fiquei porque a inveja lá dentro é muito grande, você não pode começar de cima, você tem que começar de baixo. E eu fui indicado pra ir por cima, aí me acertaram lá, fiquei uns seis meses de tratamento. Aí me desmotivei, aí parei. Aí joguei futebol de salão no Vila, no Grajaú, joguei em vários

locais. E hoje eu vivo nas peladinhas; me machuco e não ganho nada.

**A.A. – E você tem alguma formação, você estudou para ser alguma coisa?**

**R.M.** – Eu sou advogado. Me formei na Gama Filho, e comecei em 81, me formei no final de 85. Tentei minha transposição de cargo aqui no hospital, né. Inclusive eu, isso é uma das minhas frustrações aqui dentro, porque nós fizemos um grupo aqui grande de funcionários, esses formandos em contadores, economista e outros advogados, e outros de serviço social, e outros em psicologia. E nós reivindicávamos a nossa transposição de cargo, que naquela época não tinha mais prova. Brasília, se eu não me engano, deu esse oportunidade, formar uma comissão aqui para estudar caso a caso e conseguir fazer a transposição de cargo. Nós ficamos meses em reuniões, meses em movimentos, meses reivindicando, eu indo a reuniões, eu falando, ajudando as pessoas, orientando. Porque graças a Deus eu tenho um discernimento maior do que outras pessoas, né. Então, na época da transposição eu mais um ou dois não passamos, todo mundo passou na transposição de cargo. Alegaram que eu não estava na função na época. E muitos não estavam, porque eu conheci pessoas que estavam nesse grupo que passaram para serviço social, outros passaram para economista, outros passaram para contador e na época também não exerciam a função porque nem na época tinha economista aqui no hospital. Eu conheci pessoas que foi secretaria a vida toda e passou para serviço social e não estava na área. Aí você pergunta: “foi perseguição contra você”. Não [?] Não vejo nem por esse lado mas o que mais me deixou desanimado foi porque depois que as pessoas conseguiram as suas coisas abandonaram a gente. Inclusive escutei dizer: “ah, o Ricardo tá de cara amarrada porque foi o único que não passou”. Não eu não fiquei de cara amarrada porque não passei, fiquei de cara amarrada porque não passei, porque as pessoas não tiveram a consideração comigo, me abandonaram no momento que eu mais precisava, porque elas passaram graças a mim, porque eu ajudei eles pra caramba e eles me abandonaram. E hoje não ganham como advogado aqui dentro. Os próprios diretores que dependeram de mim a vida toda, pelo meu trabalho, que modéstia a parte é bom pra caramba, não me ajudaram quando eu precisei. Até processo administrativo eu fiz pedindo a [transposição?] funcional e eles me negaram. E cansaram de pedir pra mim ajudar, eu fui presidente de comissão de sindicância, comissão de inquérito, fui chamado até por Brasília para ser presidente de comissão de sindicância de inquérito, com várias coisas que acontecem no hospital. Quer dizer, recebi

vários elogios em boletim pelo meu trabalho, e nem por isso me ajudaram. Então, essa que é uma das frustrações, que eu não consegui. E nem por isso pude advogar contra a União porque eu tenho uma carteira da OAB, pago a OAB, por sinal uma das mais caras do RJ, porque é muito cara mesmo, mais de trezentos e cinquenta reais e não posso advogar nem contra a União porque só me deram a carteira com uma causa dizendo que eu sou impedido de advogar contra a União. Agora, pago a OAB e ainda tenho esperança. Enquanto eu tiver vivo.

**A.A. – E você tem vontade de atuar como advogado?**

**RM** – Eu já tive muito. Hoje, talvez, pudesse até arrumar uns processo e fazer com uma amiga, entendeu? Pausa porque chamaram o Ricardo (mais ou menos cinco minutos). Eu, sinceramente, hoje não tenho muita motivação não para advogar não. Inclusive todos os meus amigos que tão advogando há muito tempo tão parando. Ninguém agüenta. Nem todo mundo tem a sorte de [ ? ] cliente, né. O advogado não é assalariado. Ele pode ganhar uma causa boa... [parte da fita inaudível - menos de 1 min] ... a intenção de ganhar nada. Eu acho que às vezes tem que partir da pessoa, a pessoa não..., não parte da pessoa, porque a gente vai dar e dizer, não é do meu feitio dizer “ oh eu tô te dando mas quero 10%”. Eu não ligo não. Todo dia que eu acordo eu to feliz da vida. Isso pra mim que é importante.

**A.A. – E você escolheu a faculdade de direito por algum motivo específico ou por fazer uma faculdade?**

**R.M.** – Não, eu queria ser advogado mesmo. Quando eu entrei, eu entrei praticamente na faculdade junto com o serviço público, foi uma oportunidade. Porque quando eu entrei aqui eu tive uma oportunidade, tanto é que eu até contei essa história uma vez: eu entrei aqui e fui atacado pelas meninas na enfermaria, né. Eu entrei errado. E no dia seguinte pedi que me pai nem me acordasse que eu não queria voltar pra cá, de [...] pavor. E to aqui há tantos anos. Pensei de não voltar no dia seguinte e tô aqui até hoje. Aí as circunstâncias da vida vão afastando a gente das nossas obrigações, né. Porque eu devia ter feito concurso pra promotor, pra juiz. Aí você vai se acomodando, vai se acomodando, vai se acomodando. Você ta jovem ainda, mas vai se acomodando e o tempo vai passando, vai passando e quando você abre os olhos você já se acomodou. E a minha esperança era progredir aqui dentro, eu fiquei estacionado. Não vivo mal, vivo dentro das minhas circunstâncias. Tô com saúde, pra mim que é importante. To vivo. Então eu posso correr atrás a hora que eu quiser. E mais uma vez eu digo: dou graças a Deus de estar empregado.

**A.A. – Você acha que o fato de você trabalhar num centro psiquiátrico traz alguma especificidade pro seu trabalho?**

**R.M. –** Como assim, de experiência?

**A.A. – É o fato de você trabalhar com pessoas, você ter que lidar com pessoas que são especiais de alguma maneira.**

**RM –** Com problemas?

**A.A – É.**

**R.M. –** Eu digo uma coisa pra você: quando a gente era, é criança, jovem, a gente dizia:” maluco ara aquele que rasga dinheiro e come...”. Isso é pinto. Isso aí é pinto. Pq o que a gente presencia aqui, o rasgar dinheiro e comer..., que diziam que maluco era isso, isso aí é pinto. São coisas muito piores. E isso aqui é uma lição de vida. Eu já vi muita coisa que até Deus duvida. Já vi cenas, já vi coisas feias, já vi coisas bonitas, e a vida é uma luta, pros familiares que tem pessoas com problemas em casa. Já vi porque eu trabalhei dezesseis anos só de ambulatório psiquiátrico, eu fui administrador do ambulatório psiquiátrico, em dezesseis anos. Já vi coisa mesmo que tem que ter muito amor e muita força de vontade. E é uma lição de vida. Só quem sabe é quem tá aqui. São coisas mesmo... nós temos um hospital infantil aqui que também é uma coisa horrível. Hoje tá até bem melhor do que naquela época, que além deles serem pessoas com deficiência eram pessoas com problemas mental. Então eram cenas, que eu com, na época, eu tinha, um exemplo, uns quinze anos de hospital. Só tinha entrado num infantil uma vez. Que eram coisas que você nem dormia a noite. Hoje a coisa ta muito mais branda. Porque tem um remédio. Na época de 81, anterior ao ano de 81, os pacientes eram tratados com eletrochoque, né. Hoje tem medicação, né. Os clientes, os profissionais, tem mais amor aos clientes. Não tô dizendo que naquela época não tinha amor, quem sou eu pra falar isso, que eu não estava aqui. Mas a gente houve falar que tinha eletrochoque, que os pacientes eram tratados assim. Hoje não. Mas é uma lição de vida, aprendi muito. Tem que conviver aqui pra ver o quê que é isso aqui. De fora ninguém sabe. Pessoas jovens, moças jovens, vi moça de dezoito anos entrando aqui por frustrações amorosas, doentes, tentando suicídio. Vi pais pedindo socorro pelo amor de Deus, botava filho dentro de casa, preso numa jaula, pra não matar ele. Vi cena aqui de cliente chegar aqui e botou o botijão de gás pra explodir a casa. Fora outras coisas. Isso aqui é uma lição de vida, é um aprendizado. Vale a pena fazer um estágio aqui. Não de museu, mas de psiquiatria. De museu aprende outras coisas de museu. Lidar com cliente que pinta, né. Isso aí é importante também. Mas na

área de psiquiatria, ambulatório, enfermagem de crise, isso aí é que é o problema. O pronto socorro, emergência, é diferente, completamente diferente de uma emergência do Salgado Filho, de Miguel Couto. Lá as pessoas chegam feridas, né, atropeladas, às vezes baleadas. Aqui não chegam a esse ponto, mas chegam baleados de outra maneira, baleados de cabeça. Quebrado também. Paciente em crise é ruim de segurar.

**A.A. - E você acha, então, que de certa forma, esse contato com essas coisas que você tá falando fazem você ser hoje...?**

**R.M. -** Ah, sou muito diferente. Muito. Dei muito mais valor, antigamente a gente se preocupava mais com dinheiro, né, com coisas bobas, supérfluas. Eu, a minha vida melhorou muito desde a época que eu entrei aqui, quando eu comecei a ver pessoas com problema. E a gente pensa "Nós temos problema" Temos não. Nós temos mãe, temos pai, vivemos bem, temos amigos. Mal ou bem temos nosso dinheiro. Temos saúde. Vou reclamar de quê? Eu vejo pessoas aqui aleijadas, doentes. Vejo pessoas com problema psiquiátrico, pessoas que não têm, não têm nem o direito e o dever de viver, porque vivem eternamente na dependência dos outros. E são pessoas que não tem aquela liberdade de ir e vir. Qual o problema que nós temos? A gente reclama às vezes de barriga cheia. Essa que é a realidade. Eu mudei muito a minha concepção. E passei a mudar mais ainda quando a minha tia faleceu. Aí é que eu mudei mais ainda. Não faço nem conta no meu canhoto. Porque eu tenho eu gasto, eu não tenho eu não gasto. Então, eu vivia me preocupando com dinheiro, ah e eu tenho que contar, eu tenho que contar isso. Porque eu ganho pra sardinha eu não como camarão. Eu vivo dentro da minha realidade. Agora, eu passei a me preocupar muito menos com isso. Passei a me preocupar com a minha saúde, e eu volto a dizer, acordo todo dia, to vivo, pra mim é a maior satisfação, porque eu adoro viver. Tanto é que eu saio de casa pra vim trabalhar na maior adrenalina por causa da violência. Eu rezo pra chegar em casa e ir e me trazer de volta. É isso é que a gente vive hoje. Mas isso aqui, eu aprendi muita coisa aqui dentro. Tem muita coisa pra mostra para as pessoas, que isso aqui não é brincadeira, não. Hoje aqui eu trabalho no museu, modéstia a parte á mais fácil, mais tranqüilo. Problema com colega a gente tem todo dia em qualquer lugar, qualquer hora, qualquer trabalho, isso é normal. Isso aí a gente sabe que vai levando devagar, né.

**A.A. – E se você perdesse me falar assim, qual, o quanto o seu trabalho tem importância na sua vida, ele é primordial ou ele é secundário, se a gente pudesse falar assim?**

**R.M. –** Você quer dizer, o que eu desenvolvo ou o meu emprego?

**A.A. - O seu emprego.**

**R.M. -** O meu emprego é fundamental pq é daí que eu tiro o meu sustento. É onde eu me visto, é onde eu compro as coisas pra minha casa, é onde eu pago as minhas contas. Sem ele eu não sei, o que eu ia fazer. Quer dizer que você ganha maravilhosamente bem, não ganha. O salário meu é igual ao dos outros? Não é igual, porque eu ocupei dezesseis anos de chefia, então eu tenho uma gratificação incorporada, que não é muito, mas é melhor do que de muita gente. Agora, eu [?] minha esposa trabalha. Nós somos uma dupla de dois. Dupla de um é quando só um faz. Agora dupla de dois, os dois correm atrás. Então, o meu sustento vem do meu salário. E eu não tenho nem um extra. Tudo que eu tive na minha vida e tenho, tudo foi do meu trabalho. Se eu comprei meu carro, comprei com meu trabalho, com meu dinheiro, que eu juntei, paguei prestação, me sacrifiquei. Então, tudo foi do meu salário. Não ganhei um extra. Dizer agora “você ganha por fora”, não, nunca. Com vinte e cinco anos de trabalho aqui eu nunca ganhei uma propina e nunca ganhei um tostão por fora. Tudo é meu salário, é meu décimo terceiro, é o meu aumento, é a minha gratificação, é o meu processo que eu ganhei na justiça. Tudo vem do meu dinheiro honesto.

**A.A. – Que processo, sobre o quê?**

**R.M. –** Ganhei. Há muitos anos eu entrei na justiça contra um aumento que eles deram pros servidores, né, e que não deram pra outros. Deram pro militar, aí nós entramos na justiça e ganhamos. Então tudo foi do meu trabalho [?] e o meu sustento, né. Hoje eu até acho que vou me aposentar aqui. A não ser que eu ganhe na loteria, eu saia antes. Porque eu joga toda semana, né.

**A.A. – Quanto tempo falta pra você se aposentar?**

**R.M. –** Ah, agora com essa lei nova tamos ferrados. Além dos trinta e cinco anos, você tem que ta com sessenta. Então, praticamente quando a gente completar trinta e cinco anos a gente ainda vai trabalhar mais cinco pro governo. Que eu faria cinqüenta e cinco anos  
FIM DO PRIMEIRO LADO

## **Lado B**

Parte inaudível da fita por +ou- 1 minuto

**R.M.** – ... juízes, é venda de habeas corpus, a gente não vê nada de bom hoje no jornal, não tem uma notícia boa. Eu quero ver quando eu folheio um jornal inteiro, você vê isso, é seqüestro, é assalto, é roubalheira do governo, é gangues novas, é fiscais corruptos, é juízes vendendo habeas corpus, é desembargadores, é gente [?], é polícia [?], meu Deus, a gente vai fazer o quê? Confiar em quem? Andar na rua como? É sobrevivência. Eu, pelo menos, vejo por esse lado. É sobrevivência.

**A.A.** - **Você acha que as pessoas, elas sobrevivem, elas não vivem?**

**R.M.** – Sobrevivem. Inclusive, comentei com um amigo no final de semana o seguinte: fico com muito medo porque um dia eu vou morrer. A minha geração toda vai morrer. E a geração nova que vai entrar já está entrando com uma concepção completamente diferente, que é o que? Se dar bem. Não se forma mais policiais. Políticos vão entrar, os novos que estão em formação hoje, vão entrar com concepção de roubalheira. Então, onde é que a gente vai parar? Você vê, violência é igual formiga, cada vez cresce mais. Eu digo uma coisa que eu acho erradíssima: nós não temos um controle. Eu acho inadmissível uma pessoa do morro ou da favela, porque eu não sou uma pessoa que tem preconceito, não tenho não, porque eu gosto de preto, me dou bem mais com a pobreza do que com a riqueza, gosto mais de, da pessoa mais humilde, eu acho que são mais francas, mais sinceras, não tem muita hipocrisia, entendeu? Então eu acho que o errado é uma mulher que não tem condição de ter um filho, tem quatro, cinco. E quando uma pessoa dessa chegasse no hospital deveria ter uma assistente social, um trabalho feito em cima, uma pesquisa, dizer quanto é a renda dela, quanto que ela teria condição de ter, um ou dois filhos. Se tivesse um trabalho junto aos hospitais para ligar, porque uma pessoa que não tem condições de criar um tem cinco, lança quatro na rua, cria um mais ou menos, o outro mais ou menos, quatro irão pra marginalidade. Você vê o exemplo nos sinais. São as crianças jogando bola, pedindo um real. Quando você olha pra calçada tem um sofá ou um colchão, os marmanjos todos sentados tomando cachaça. E as crianças tudo jogando bola pra ganhar um real pra dar pra eles. E quando criança fica com dez, doze anos quer ter um tênis, quer ter uma camisa. Aí assalta as pessoas na rua. E eles com doze anos bota uma arma na mão, aí viram marginais. Por isso que cresce igual formiga. Porque essa semana eu vi uma mulher grávida de sete meses, parecia uma mendiga, mas era nova [?] e o rapaz do lado dela

era um rapaz [?] os pais não tem condição de se sustentar, nem de morar, como é que vai ser? E como é que uma mulher que tem quatro, cinco filhos? Porque ela não tem controle [no hospital?], não toma pílula, que é cara, não tem uma condição de se controlar. Transam a torta (sic) e a direito. Vai ficar grávida um atrás do outro. E vai pra onde? Você vê as Febens da vida aí, tão mais de superlotadas. Sem dizer as penitenciárias. Não vejo futuro nenhum. Então [parte inaudível da fita +ou- 15 segundos].

**A.A. - Você tem medo de sair na rua?**

**R.M.** - Eu saio na rua, não deixo de viver não. Mas saio. Vou com a minha mulher ao cinema, mas eu costumo ir com outros casais. Vou numa adrenalina só. Vivo, eu sou o homem do retrovisor, vivo no retrovisor. Motocicleta, carro [?]. e eu sou um cara que, não é medo, eu sou mais precavido. Que toda hora que você liga a televisão ou lê jornal você só vê violência. Graças a Deus, graças a deus, graças a Deus não passei Por esse constrangimento, nem quero passar. E rezo para que meus amigos também não passem por isso. Mas que dá medo, dá.

**A.A.- Sua esposa ta grávida. O que que você pensa disso tudo pro seu filho?**

**R.M.** - Olha, eu vou te dizer uma coisa: eu já to na hora de ser pai, disso não tenho dúvida, se não vão me chamar de avô, né. Então eu acho, ele vai ter uma boa educação, pelo menos o exemplo meu ele vai ter. A minha mulher é muito determinada, honesta, trabalha pra caramba, nasceu pra ser dona de casa e mãe. Não é dona de casa de cozinha, nada disso. Nasceu pra ter sua casa e ser mãe. Porque ela tem muita capacidade e é uma pessoa que nasceu pra isso. Responsabilidade. Então, educação ele vai ter, respeito pelas pessoas ele vai ter. Futuro eu já não posso dizer mais. Que eu não sei o quê ele vai escolher ser. Que a gente cria filho e as vezes o filho se revolta contra os pais, né. Eu já vi muito disso. Não foi o caso da minha família, mas eu já vi muito e eu tenho até exemplos de colegas que o adolescente [filho?] e eles estão passando o pão que o diabo amassou. Então, futuro não posso dizer nada. Eu sei que vai ter uma boa criação. Mas as vezes filhos bem criados se debandam pra outros lados, né. Hoje eu rezo só pro meu filho vim com saúde e perfeito. Eu também vi, tive a oportunidade, estou convivendo com colegas que estão com problemas sério de pessoas que estão com, filhos com problemas, né. De seqüelas. Então eu acho que pra mim a coisa mais importante no momento é isso. Vim com saúde e vim perfeito. Futuro a Deus pertence, não pertence a gente. Diz um ditado que se vc soubesse o seu

destino, você não ia saber evita-lo. Então, vamos esperar pra ver.

**A.A. – Mas você falou ainda pouco aí que, meio que, as coisas estão muito perdidas e tal, e como que você imagina o seu filho nesse mundo?**

**R.M. –** Eu não sei, sinceramente eu não sei.

**A.A. – Você tem medo?**

**R.M. -** Tenho porque eu não sou eterno. Ele que vai ficar. Então eu não sei. Ele pode ser um, ele pode ser um jogador de futebol, ele pode ser um cientista como ele pode ser um marginal. É o que eu to dizendo. Eu tenho um amigo que ele tem filho e ele tem uma situação e o filho debandou pra marginalidade. E ta um sufoco pra ele tirar. E os pais são maravilhosos. É a influência da rua, é a droga, é a convivência com os colegas. Passou a pichar a rua, a fumar maconha, passou a furtar pequenas coisas pra poder comprar a droga. E ele já foi buscar ele no morro. Já ofereceram pra ele soltar um fogo aí, um morteiro e ganhar duzentos. Então aonde se tem facilidade as pessoas vão. Então a facilidade é isso. Agora, eu não posso dizer pra você o quê que vai acontecer. Mas eu, pra dizer a verdade, no momento não estou me preocupando muito com isso. Eu estou preocupado é de ter uma boa gravidez, eu to acompanhando o pré-natal, pra ele vim com saúde, aonde vai ter o neném. Então, e amor vai ser dado, condições vai ser dado. Então, depois quando ele tiver dez, quinze anos, aí eu já to mais pra lá do que pra cá, né.

**A.A. – E pretende ter outro?**

**R.M. –** Não. A gente tá querendo um só. Se vier outro teve que vir. Mas a gente ta querendo um só.

**A.A. – É, você falou, a gente tava falando sobre sobreviver. Você acha que as condições de trabalho hoje elas são precárias, e as pessoas tem que trabalhar pra sobreviver, quer dizer, as pessoas trabalham pelo dinheiro e não por gostarem de fazer alguma coisa?**

**R.M. –** É, eu acredito que 70%. Se todo mundo trabalhasse no que gosta, né, e ganhasse o que gostaria..., e pagassem o que você vale, né. Tem várias pessoas formadas aí, a maioria não ta fazendo sua área. Às vezes não tem nem campo, e o salário não é bom. Você vê o que que cresceu de fisioterapia. Eu me lembro que fisioterapia era muito precária. Depois que começou a divulgar e a coisa crescer, que todo mundo [?] Se você nunca freqüentou, você vai ver não tem lugar pra sentar. Eu, por exemplo, como jogo futebol, a gente vai muito na fisioterapia porque a gente se contunde muito. Então, a gente vê não tem

lugar pra sentar. Às vezes eles atendem você em quinze minutinhos porque tem gente esperando lá fora. E às vezes atendem mal. Tem gente que é advogado e não trabalha como advogado. Tem gente que é engenheiro e não trabalha como engenheiro. Aqui no Hospital têm um monte de gente que é engenheiro e é agente administrativo, que não conseguiu se firmar na profissão. Eu tenho amigos meus que ta fora, um monte. Jogam futebol com a gente lá. Um monte. Hoje a necessidade é o dinheiro. A pessoa hoje não visa muito aquela coisa “vou me formar e vou ser aquele profissional, vou ganhar dinheiro naquilo.” Até tentam, mas não conseguem. Quanta gente se forma todo dia aí. E tem campo de emprego pra todo mundo? Não tem. Então, eu acho que mais hoje é a situação financeira mesmo. Hoje a pessoa... Você vê um exemplo: concurso pra Comlurb. Não sei se você presenciou. Tinha fila de mais de cinqüenta mil pessoas prum salário de 700, 650 reais. Tinha engenheiro lá na fila. Aí você pergunta “É o quê?” É necessidade. Não é necessidade? Você ir pruma fila pra ganhar 600 reais. Eu tenho um amigo meu que ele foi, que ele era boa pinta. Trabalhou a vida toda em loja. A beleza acaba, você vai envelhecendo, você [?] é bonito de outra maneira, mas pra loja não serve mais, não é, você não [?], mas a loja exige outro padrão, pessoas mais novas. Ta aí, oh, num sufoco, pensando porque não tem formação. Ganhou muito dinheiro em lojas. Trabalhou nas melhores lojas, Yes Brazil e... e outras mais. Hoje ta pensando. Inclusive, colegas já tentaram arrumar emprego pra ele, o salário de 450 reais, com mulher e filho? É ruim, hein! [?]angústia, porque um homem sem dinheiro não é nada; relacionamento vai acabando dentro de casa e o casamento vai falindo. Porque um homem não ter dinheiro pra se sustentar, não comprar um presente pro filho e sustentar a casa é deprimente. Isso é porque as pessoas às vezes não amadurecem, não pensam que... pensam que aquilo é eterno, né, aquilo que foi antigo: beleza, dinheiro no bolso, Yes Brazil, o caramba, não é eterno, né. Você com formação já não consegue emprego. Imagina sem, não é verdade?

**A.A. - Você acha, então, que ter uma formação é importante?**

**R.M. -** É muito, eu acho. Mal ou bem você... teu currículo vai, você tendo eu não tendo o teu passa na frente. Tem que ter, é fundamental. O mínimo que eles não tão exigindo hoje não é segundo grau? O mínimo. Então, se você tiver segundo grau e eu tiver uma formação maior eu vou passar a sua frente. A experiência conta muito, né. A experiência conta demais.

**A.A.- Você falou bastante do seu pai, que ele era uma pessoa importante pra você. Porquê? Qual o referencial que ele te dá?**

**R.M.** - Todos. Todos. Meu pai foi, pô, uma pessoa que lutou, sustentou a casa, quatro filhos. Pessoa honesta, ao ponto de chegar ao mercado, o troco errado ele voltar, devolver o troco. É desse nível pra cima. Talvez não tenha crescido mais na vida financeiramente pela honestidade. Muito honesto, muito digno, muito caráter, muita personalidade, exemplo de vida pra qualquer um. Bato palma. E todo dia que eu rezo eu peço pro meu pai e pra minha mãe, saúde pra eles. Eu, se eu... eu dizia isso sem demagogia nenhuma, demagogia nenhuma o que eu vou falar pra você. Eu quando tinha trinta anos de idade, eu cheguei comentei com um amigo meu o seguinte: se eu soubesse que ia morrer com quarenta anos e meu pai precisasse dos meus anos eu daria dez anos pra ele e morreria com trinta. Eu dizia isso e digo até hoje. Que meu pai sempre foi meu exemplo, meu braço direito. E eu sou hoje, meu pai hoje... é, é Deus no céu e eu aqui. Eu tenho mais três irmãos, mas sou eu entendeu? Sou eu que levo ele, sou eu que levo minha mãe. Eles dependem de mim hoje e eu faço com o maior prazer. Porque eles fizeram tudo por mim. Então eu tenho meu pai e minha mãe como as coisas mais importantes. Entendeu? É a pessoa que eu mais amo na minha vida, meu pai. E eles merecem, são pais bons, né. Eu não digo, porque tem pais ruins. Meus pais, pô, sem comentário. É uma coisa maravilhosa. Inclusive era minha companhia pra vim pro trabalho, e agora que ele aposentou, aí eu venho sozinho, né. Aquela companhia, aquela coisa de costume acabou também. Mas eu falo com ele todo dia, passo na porta da casa dele todo dia pra ver se tem alguma coisa errada. Ligo pra ele pra saber se as coisas estão legais. É, o meu pai é tudo pra mim. Tenho que acostumar com a idéia que um dia ele vai, né. Mas aí o dia que for [? eu sigo minha vida, né ?]

**A.A. – Que importância que você acha é, que você acha que tem o referencial da família na formação de uma pessoa?**

**R.M..** – Principalmente no caráter. Eu acho. Que quando a pessoa tem índole ruim, não tem jeito. Eu acho que a coisa é da pessoa também. Que às vezes a pessoa pode ter uma grande educação em casa e ter uma índole ruim. A pessoa... Eu tenho amigos meus, eu tenho, inclusive, um exemplo de um amigo meu, que ele é um cara educadíssimo, muito respeitador, mas tem índole ruim. Ele não tem uma boa índole. Ele faz umas besteiras. Então, é dele, não é dos pais. O pai deu toda a estrutura pra ele ser um cara com caráter, personalidade, ele é educado, muito respeitador, mas a índole dele é ruim. Não é o

pai que deu isso a ele. Agora, a formação de casa é muito boa. Como eu já vi também família que todos da família fumavam maconha. Pai, mãe, filhos. Entrei numa casa uma vez e vi tudo isso. Quer dizer, é exemplo bom? Não é. Os filhos devem ter fumado também porque os pais fumavam. Então, a família é fundamental. E aí as pessoas dizem aquela coisa “Ah, casal separado dá problema.” Eu também tenho exemplos de colegas meus que é separado e os filhos são maravilhosos, poço de ternura e de educação e de respeito. Não é por causa [?] de separação, depende que tipo de separação, né. Sem agressões, né. E as agressões é que fazem as revoltas, né. Como tenho casos de amigos também que o filho é revoltado porque separou da mãe. E ele pra mostrar revolta faz uma porção de cagada, pra mostrar revolta, e ele só ta se prejudicando, porque os pais tão tentando resolver e não conseguem nada. Então, a estrutura familiar é importante. No meu ponto de vista, não sou dono da verdade.

**A.A. - O que você espera do futuro?**

**R.M. -** O futuro a deus pertence. Não espero nada. Eu só quero viver muito, só isso. Não vejo muito o futuro não. Pelo menos pra mim, eu tando com saúde ta bom. Não to reivindicando mais nada. Agora, pros outros é que eu não sei como é que vai ficar, né. Não vai acabar essa violência nunca. Não tenho esperança disso. O governo não faz por onde. Então... pra mim hoje o problema maior é a violência. Eu não vejo nada que supere isso.

**A.A. - Você tem algum sonho?**

**R.M. -** Eu já tive muitos. Hoje não tenho mais não. Meu sonho era ser jogador de futebol, como te falei. Meu sonho hoje é que meu filho cresça com saúde, como eu disse, perfeito. Que eu possa dar tudo a ele, se for homem ou mulher, não faz diferença. Então, o meu sonho é só esse agora. Porque...se eu pudesse voltar no tempo. Se a gente chegar até um ponto e dizer, pô, vamos zerar e vamos começar de novo. Muita coisa a gente não faria do que fez. Isso pode ter certeza. Então, uma das coisas era eu, talvez, nem estar aqui hoje, entendeu? Esse seria uma das coisas. Não me arrependo de estar aqui, mas se eu fosse escolher de novo, começar do zero, certamente não estaria aqui. Até por várias razões, salariais, você podia [tentar?] buscar uma coisa melhor, né. Não vivo mal, mas podia viver muito melhor, não é? Então, certamente isso. Agora, meu sonho só esse, agora. Que meu filho venha aí com, com muita saúde. Pra mim não sonho mais nada. Ou ganhar na loteria, né. Que a gente sonha todo dia. Eu jogo toda semana. Toda sexta-feira eu faço meus jogos. Já ganhei umas vezes, posso ganhar

outras. Só ganha quem joga. A esperança é a última que morre, né. Já raspei, quem sabe um dia eu acerto.

**A.A. - Você se vê como um funcionário público?**

**R.M. –** É, é o que eu te falei, eu sou diferenciado. Se eu fosse como muitos aqui eu entrava a hora que eu queria, eu saía a hora que eu queria, eu burlava ponto, eu assinava o ponto e ia pra casa, assinava o ponto e ia pra praia, voltava cinco horas e assinar a saída. Então eu me sinto diferenciado porque eu não falto, eu cumpro o meu horário, eu cumpro com as minhas obrigações profissionais, que é o que eu tenho que fazer. Sou honesto nas coisas que eu faço, sou honesto com as pessoas. Lido com o público da melhor maneira possível, com educação e com respeito. Trato as pessoas como elas devem ser tratadas. Então eu me sinto diferenciado. Mas sou funcionário público. Você sendo péssima funcionária e eu ótimo, lá fora eu sou igualzinho a você, não tem diferença. As pessoas que tem aquela concepção que o servidor público é um funcionário relapso, que falta, que é um vagabundo. Lá fora quando disser você, Aline, é servidora pública eu também sou. O cara vai dizer “você dois são um [?]” Não vai dizer se eu sou melhor que você ou você é melhor do que eu. É o que eu disse uma vez, aqui é coisa de hierarquia. O diretor pode saber muito menos do que eu, ser muito menos competente do que eu, ter muito menos capacidade do que eu, muito menos formação do que eu, muito menos inteligência do que eu, mas hierarquicamente ele é o chefe e eu tenho que [?] serviço a ele. Não é verdade? Então tem que respeitar. Se você não é o chefe, e a pessoa que ta no seu lugar é o chefe, você tem que hierarquicamente respeitar, não que você deva obedecer [?] Patrão é o governo [?] Ninguém é empregado de ninguém. Nós somos funcionários[?] As pessoas tem que ter é respeito. E a coisa que digo sempre, equipe. Você tem que ser colega, você tem que ter equipe. Uma mão lava a outra. Tem que haver diferencial. Tem que ser equipe, amizade. Coisa que não tem. É cobra engolindo cobra. Derrubada é o que mais tem é derrubada. Como eu não quero ser mais chefe. Quem sabe um dia eu posso ser de novo, não vou cuspir pro alto. Mas no momento tenho nenhuma pretensão sobre isso.

